

## **Educação para o Empreendedorismo no Ensino Médio: Concepções, Práticas e Desafios**

Aline da Costa Silva  
(PPGA-UFF / SEEDUC)

**Resumo:** Este artigo apresenta uma revisão sistemática da literatura sobre a Educação para o Empreendedorismo (EE) no Ensino Médio, com o objetivo de compreender suas concepções, práticas pedagógicas e desafios de implementação no contexto brasileiro. Os resultados evidenciam a evolução da EE, que deixou de ser restrita à formação de futuros empresários para assumir um caráter mais amplo, voltado ao desenvolvimento de competências empreendedoras aplicáveis a diferentes esferas da vida. A análise revelou tensões entre abordagens que associam a EE à lógica neoliberal, marcada pela individualização da responsabilidade, e aquelas que defendem sua ressignificação em bases críticas, coletivas e emancipatórias. O estudo identificou a relevância de quadros referenciais, como o EntreComp, e sua articulação com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o que potencializa práticas interdisciplinares e metodologias ativas. Destacou-se, ainda, a importância da pedagogia empreendedora, centrada no protagonismo estudantil e na aprendizagem experiencial. Contudo, a implementação da EE enfrenta obstáculos, como a falta de diretrizes nacionais, a resistência docente e a carência de formação específica. Conclui-se que a EE no Ensino Médio constitui um campo em expansão e disputa, cujo impacto dependerá das escolhas pedagógicas e políticas que orientem sua consolidação.

**Palavras-Chave:** Ensino Médio; Educação Pública; Educação para o Empreendedorismo; Competências Empreendedoras.

## 1. Introdução

No decorrer dos anos, o ensino de empreendedorismo tem passado por muitas transformações, e cada vez mais tem entrado na discussão de pautas educacionais. O desenvolvimento de uma Educação para o Empreendedorismo tem sua importância reconhecida por diversos países e sistemas de ensino, devido a seu grande potencial de impactar em economias e resolução de problemas sociais, sendo inclusive parte de discussões na Organização das Nações Unidas (THOMASSEN et al., 2020).

Unindo-se a tantos outros países, o Brasil incorporou o ensino de empreendedorismo à Base Nacional Comum Curricular de 2017 (BRASIL, 2017), após anos de discussões e reflexões entre educadores e a sociedade civil organizada. O constructo empreendedorismo foi introduzido nos currículos escolares, inicialmente, do Ensino Superior, adotando um enfoque puramente empresarial, cujo objetivo era preparar o estudante para identificar oportunidades, assumir riscos, e criar um empreendimento (LOPES, 2010; KURATKO, 2005; UEMURA et al, 2023). Com o passar dos anos o ensino de empreendedorismo foi assumindo caráter abrangente voltado para o desenvolvimento de competências empreendedoras úteis para a vida e para a geração de valor, seja social, empresarial ou pessoal (LACKÉUS, 2017; DOLABELA & FILION, 2013; UEMURA et al, 2023).

Diferentes sistemas educacionais têm procurado desenvolver referenciais curriculares que orientam o desenvolvimento de competências empreendedoras. O referencial europeu, EntreComp, define as competências empreendedoras como a capacidade do indivíduo atuar sobre oportunidades e ideias, gerando valor para as outras pessoas (BACIGALUPO et al, 2016). Na mesma linha, a BNCC incorpora o empreendedorismo, distribuindo as competências empreendedoras entre várias competências específicas, tais como: competências 2 (pensamento crítico, científico e criativo), a 6 (trabalho e projeto de vida), a 8 (autoconhecimento e autocuidado) e a 9 (empatia e cooperação) são as mais relevantes para o empreendedorismo (CAVALHEIRO & MARIANO, 2022). Estas competências estão distribuídas por todas as áreas do conhecimento na BNCC, evidenciando intrinsecamente a interdisciplinaridade.

Mesmo possuindo crescente destaque em discussões nos campos das ciências sociais e da educação, a Educação para o Empreendedorismo ainda enfrenta dificuldade e resistência. Alguns pesquisadores encaram o empreendedorismo como uma ferramenta de dominação do estudante, que levaria a uma proposta de tornar a educação uma mercadoria e um aceno à precarização no mercado de trabalho (BARBOSA & MADEIRA, 2023; MAGALHÃES & LAMOSA, 2023), reduzindo o termo à exploração de mão de obra e outras práticas empresariais reprováveis. Também são atribuídos ao empreendedorismo os resultados indesejáveis decorrentes das reconfigurações do mercado de trabalho, como a flexibilização das relações trabalhistas e os novos modelos de contratação, que associaram o empreendedorismo ao subemprego. Entretanto, o constructo empreendedorismo, como definido por Shane e Venkataraman (2000), está relacionando, fundamentalmente, à capacidade de identificar oportunidades para resolver problemas que afligem a sociedade e colocar em prática ações que respondem aos desafios identificados. Assim, iniciativas, sejam do âmbito de negócios, pessoais ou sociais, são criadas para resolver uma angústia decorrente de um problema, gerando valor financeiro, cultural e social (MARIANO & MAYER, 2011; BACIGALUPO et al, 2016; MORAES et al., 2023).

Naturalmente, o construto empreendedorismo enfrenta disputas e resistências na sociedade e entre educadores. Desta forma, a pesquisa sobre a educação para o empreendedorismo contribui para ampliar as visões sobre o tema e evidenciar suas práticas. De fato, dependendo da abordagem adotada para o ensino de empreendedorismo pode-se promover práticas mais individualista e alienante das forças de trabalho. Por outro lado, quando a educação para o empreendedorismo está fundamentada em uma perspectiva crítica, pode ser compreendida como prática emancipadora, ao estimular protagonismo, autoconhecimento e autodomínio — capacidades essenciais à vida adulta e ao exercício da cidadania. Diferencia-se assim das distorções associadas ao neoliberalismo, como o *laissez-faire*, a redução irresponsável do papel do Estado e a ausência de regulação, preservando a centralidade das políticas públicas e da equidade social.

Consequentemente, quando a educação para o empreendedorismo é trabalhada de forma coletiva e desenvolvida considerando o contexto em que o aluno se encontra, esta pode servir como instrumento de libertação e desenvolvimento das comunidades (LACKÉUS, 2017). Ao utilizar métodos ativos de aprendizagem, tais como a aprendizagem baseada em problemas, competições, trabalho em equipe, entre outros, a EE reforça suas características de educação voltada para a ação, com os estudantes sendo protagonistas e dividindo espaço na criação de conhecimento com seus professores. Assim, a Educação para o Empreendedorismo, se orientada para o coletivo, torna-se um meio de promoção da autonomia.

Diante do exposto, o objetivo do presente artigo é contribuir para o desenvolvimento do campo de conhecimento por meio de uma revisão bibliográfica sobre Educação para o Empreendedorismo. Ao mapear e analisar criticamente a produção acadêmica existente, a revisão permite identificar lacunas, avanços e críticas que oferecem uma base sólida para novas perspectivas de investigações, concepções, práticas pedagógicas e desafios de implementação no contexto brasileiro e internacional. Este artigo é dividido nas seguintes seções, além desta introdução: Fundamentação Teórica, Discussão e Resultados, Conclusões e Referências.

## **2. Fundamentação teórica**

### *2.1 Educação para o Empreendedorismo*

O empreendedorismo é um fenômeno global, com múltiplas facetas. Pode ser entendido como comportamento voltado à identificação de oportunidades e ideias, transformando-as em valor — financeiro, cultural ou social (BACIGALUPO et al., 2016; SCHAEFER & MINELLO, 2016; RAMSGAARD, 2024). Por sua relevância, foi incorporado ao campo educacional como facilitador no desenvolvimento de competências (MOBERG, 2014).

A Educação para o Empreendedorismo (EE) é reconhecida por governos e organizações internacionais pelo seu potencial de criação de valor e desenvolvimento pessoal, social e econômico (THOMASSEN et al., 2020). Não obstante, é considerada um campo em desenvolvimento (JONES, 2018) e, por vezes, ambíguo (RAMSGAARD, 2024). Nesse sentido, é razoável argumentar que a EE deve ir além de ensinar conteúdos sobre empreendedorismo: trata-se também de aprender por meio dele, de modo contextualizado e significativo (JONES, 2018; OKOLIE et al., 2021). Mais que contextualizada, deve apoiar-se em valores humanistas, participação e bem comum (LACKÉUS, 2017).

Apesar de sua difusão, a EE recebe críticas, sobretudo no campo da Educação e das Ciências Humanas (SILVA & SILVA, 2024; BARBOSA & MADEIRA, 2023; MAGALHÃES & LAMOSA, 2023; PERONI, CAETANO & VALIM, 2021). Para alguns autores, ela promove a individualização da responsabilidade pelo sucesso, atribuindo ao trabalhador o “fracasso” em prosperar (MAGALHÃES & LAMOSA, 2023). Também reforçaria desigualdades ao distinguir uma formação crítica, voltada à elite, de outra adaptada ao mercado de trabalho para a classe trabalhadora (BARBOSA & MADEIRA, 2023). Nessa perspectiva, serviria a interesses neoliberais, formando sujeitos individualistas e conformados (BARBOSA & MADEIRA, 2023).

Lackéus (2017) confirma que a EE pode reforçar valores neoliberais, sobretudo quando orientada apenas à criação de negócios. Isso transforma a educação em mercadoria, responsabiliza o indivíduo por fracassos, reduz o currículo à lógica do trabalho e substitui a formação crítica por padrões técnicos. Contudo, o autor defende uma abordagem baseada na criação de valor para os outros, capaz de promover atitudes coletivas e mitigar tais tendências. Da mesma forma, Engeström & Käyhkö (2021) alertam que restringir o ensino de empreendedorismo ao lucro reforça visões limitadas e individualistas.

Na direção oposta, Saras Sarasvathy (2001; 2022; 2024) mostra que empreendedores bem-sucedidos não agem movidos pela ganância, mas pela busca de soluções para problemas e oportunidades. Seu modelo, a lógica do *Effectuation*, evidencia que empreendedores mobilizam conhecimentos próprios, constroem redes colaborativas, aceitam perdas possíveis e adaptam estratégias. Essa lógica coletiva e cooperativa pode ser aplicada à educação, favorecendo a valorização do trabalho em grupo e da aprendizagem experiencial.

Outro conceito fundamental é o *locus de controle interno*, desenvolvido por McClelland (RODJANATHAM & BADIR, 2025), que associa o sucesso ao senso de responsabilidade, autoconsciência e autodomínio. Ao assumir riscos e guiar-se por metas internas, o estudante torna-se mais autônomo. Integrar tais princípios na EE contribui para formar jovens responsáveis, cooperativos e menos suscetíveis à pressão individualizante da sociedade neoliberal (LACKÉUS, 2017). Essa formação, inspirada também em Freire (2019), valoriza a liberdade, o pensamento crítico e a aprendizagem mediada pela realidade.

Para isso, a escola precisa assumir papel ativo. Ramsgaard (2024), ao discutir a universidade empreendedora, defende que instituições educacionais devem compreender seu papel social e alinhar o empreendedorismo à formação integral e humanista — princípio que também se aplica à educação básica. A EE, portanto, não deve restringir-se à abertura de negócios. Dolabela (2003), Moberg (2014) e Ratkovic et al. (2022) defendem sua introdução desde os primeiros anos escolares, desenvolvendo competências e atitudes empreendedoras ao longo da vida. Essa formação prepara jovens para tomar decisões, assumir responsabilidades e ampliar sua empregabilidade. No entanto, para ser significativa, precisa ser contextualizada, possibilitando comportamentos que favoreçam não apenas o indivíduo, mas a sociedade (RAMSGAARD, 2024; RATKOVIC et al., 2022).

## 2.2 Competência empreendedora

Quando se fala em comportamento empreendedor remetemo-nos a algo que é regido por um conjunto de competências. As competências empreendedoras (CE) aqui consideradas são

as definidas pela *European Commission* no documento “*EntreComp: The Entrepreneurship Competence Framework*”, publicado em 2016. O quadro desenvolvido pelo EntreComp visa fornecer uma definição comum e abrangente do empreendedorismo como uma competência transversal aplicável a todas as esferas da vida (BACIGALUPO et al, 2016). Este documento elenca quinze competências consideradas fundamentais para o empreendedorismo, que pode-se observar na imagem 1.

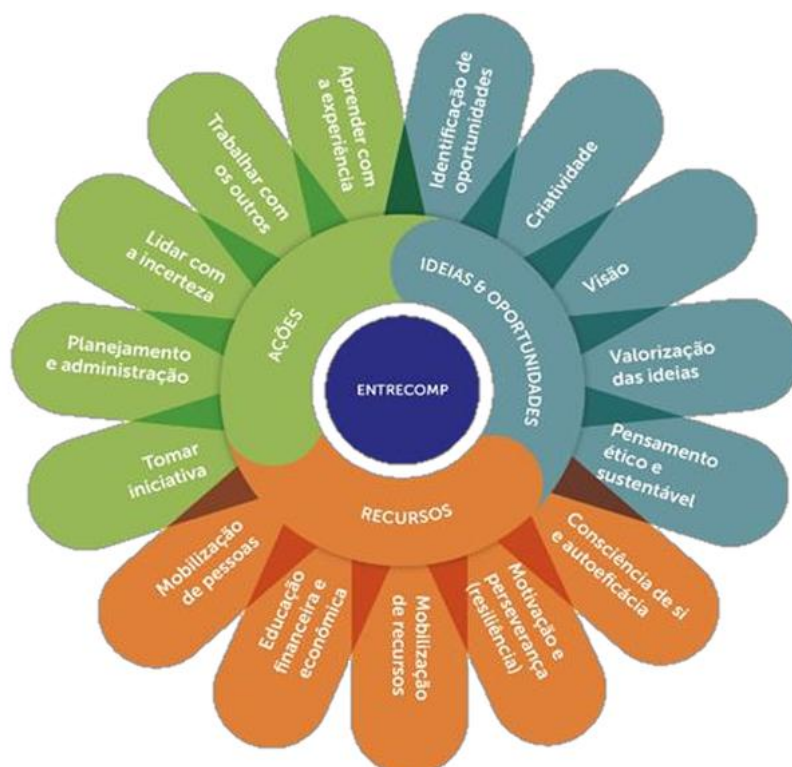


Imagem 1: Quadro síntese do EntreComp traduzido.  
Fonte: SEBRAE, nota técnica 2, 2020.

A imagem 1 explicita como as competências são vistas dentro do EntreComp. A principal divisão se faz em três macrogrupos: Ações, Oportunidades e Recursos (BACIGALUPO et al, 2016). Ao serem representados de forma circular mostram que não há hierarquização entre elas, e ao mesmo tempo em que são setorizadas, estas competências aparecem interligadas, reforçando a conexão que possuem.

No Brasil, a Base Nacional Comum Curricular define as competências e habilidades que os estudantes brasileiros precisam desenvolver na educação básica (BRASIL, 2017). O documento define competência como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho, e estipula dez a serem trabalhadas em todas as etapas de ensino, com suas devidas adaptações e contextualizações, adequando-se ao que se espera desenvolver nos estudantes dentro de cada momento do ciclo da educação básica.

A tabela 1 apresenta as competências gerais da Educação Básica descritas na BNCC de 2017.

Tabela 1: As dez competências da BNCC.

<b>Competências Gerais da Educação Básica</b>	
1 Conhecimento	Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2 Pensamento científico, crítico e criativo	Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3 Repertório cultural	Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4 Comunicação	Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5 Cultura digital	Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6 Trabalho e projeto de vida	Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7 Argumentação	Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8 Autoconhecimento e autocuidado	Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9 Empatia e cooperação	Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10 Responsabilidade e cidadania	Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Fonte: BNCC, 2017, pp. 9-10 (com adaptação da autora).

Apresentadas na tabela 1, as competências gerais da BNCC aparecem em um primeiro momento de forma generalista, mas ao longo do documento evidencia-se como cada uma delas vai se tornando mais complexa à medida que os anos de escolaridade avançam (BRASIL, 2017).

O empreendedorismo surge na BNCC principalmente no contexto do Ensino Médio, integrando-o como uma competência essencial para a formação integral dos estudantes e a

inserção destes no mundo contemporâneo (BRASIL, 2017). A abordagem do documento foca no desenvolvimento de uma postura empreendedora, ética e responsável, que inclui autonomia, consciência crítica, criatividade e a capacidade de resolver problemas. O empreendedorismo pode estruturar os itinerários formativos, incentivando a mobilização de conhecimentos para a criação de organizações inovadoras que utilizem tecnologias digitais. É discutido na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e valoriza a liberdade, cooperação e o protagonismo juvenil. Dentro das competências descritas na BNCC, as competências 2 (pensamento crítico, científico e criativo), a 6 (trabalho e projeto de vida), a 8 (autoconhecimento e autocuidado) e a 9 (empatia e cooperação) são consideradas as mais relevantes para o empreendedorismo (CAVALHEIRO & MARIANO, 2022) e são descritas na tabela 2 a seguir:

Tabela 2: Competências relevantes para o Empreendedorismo na BNCC.

<b>Competência 2 - Pensamento científico, crítico e criativo</b>		
<b>Dimensão</b>	<b>Subdimensão</b>	<b>Descrição</b>
Criatividade	Exploração de ideias	Testagem, combinação, modificação e geração de ideias para atingir objetivos e resolver problemas.
	Conexões	Conexão entre ideias específicas e amplas, prévias e novas, a partir de diferentes caminhos.
	Criação de processos de investigação	Criação de planos de investigação para pesquisar uma questão ou solucionar um problema.
	Soluções	Questionamento e modificação de ideias existentes e criação de soluções inovadoras.
	Execução	Experimentação de opções e avaliação de riscos e incertezas para colocar ideias em prática.
<b>Competência 6 - Trabalho e Projeto de vida</b>		
<b>Dimensão</b>	<b>Subdimensão</b>	<b>Descrição</b>
Projeto de Vida	Determinação	Compreensão do valor e utilização crítica de estratégias de planejamento e organização, com estabelecimento e adaptação de metas e caminhos para realizar projetos presentes e futuros. Manutenção de foco, persistência e compromissos.
	Esforço	Compreensão do valor do esforço e trabalho árduo para alcance de objetivos e superação de obstáculos, desafios e adversidades. Investimento na aprendizagem e no desenvolvimento para a melhoria constante. Construção de redes de apoio.
	Autoeficácia	Confiança na capacidade de utilizar fortalezas e fragilidades pessoais para superar desafios e alcançar objetivos.
	Perseverança	Capacidade de lidar com estresse, frustração, fracasso, ambiguidades e adversidades para realizar projetos presentes e futuros. Busca e apreciação de atividades desafiadoras.
	Autoavaliação	Reflexão contínua sobre seu próprio desenvolvimento e sobre suas metas e objetivos. Consideração de devolutivas de pares e adultos para análise de características e habilidades que influenciam a capacidade de realizar projetos presentes e futuros.
<b>Competência 8 - Autoconhecimento e autocuidado</b>		
<b>Dimensão</b>	<b>Subdimensão</b>	<b>Descrição</b>
Autoconhecimento e Autocuidado	Autoconsciência	Consciência coerente e integrada sobre si mesmo e sobre como sua identidade, perspectivas e valores influenciam sua tomada de decisão.

Autoestima	Compreensão e desenvolvimento de pontos fortes e fragilidades de maneira consciente, respeitosa, assertiva e constante para alcançar realizações presentes e futuras.	
Autoconfiança	Utilização de seus conhecimentos, habilidades e atitudes com confiança e coragem para aprimorar estratégias e vencer desafios presentes e futuros.	
Equilíbrio emocional	Reconhecimento de emoções e sentimentos, bem como da influência que pessoas e situações exercem sobre eles. Manutenção de equilíbrio em situações emocionalmente desafiadoras.	
<b>Competência 9 - Empatia e cooperação</b>		
Dimensão	Subdimensão	Descrição
Diálogo e cooperação	Colaboração	Trabalho em equipe, planejando, tomando decisões e realizando ações e projetos de forma colaborativa.

Fonte: CAVALHEIRO & MARIANO, 2022, p.60 e 61.

Conforme mencionado anteriormente, a tabela 2, confeccionada por Cavalheiro & Mariano (2022), destaca as competências da BNCC que mais se correlacionam ao empreendedorismo no documento. É importante ressaltar que estas competências, que integram a si o caráter empreendedor, estão inseridas em diferentes áreas do conhecimento, de forma que reforçam a interdisciplinaridade e a transversalidade do tema.

A educação na atualidade tem como paradigma o desenvolvimento de competências nos estudantes, e a Educação para o Empreendedorismo tem este paradigma como parte de sua essência (FERRERAS-GARCIA et al., 2021). Assim, é razoável afirmar que as CE são ferramentas que podem ser aprendidas (RATKOVIĆ et al, 2022), principalmente, por meio da EE, podendo ser oferecidas e trabalhadas em todos os níveis de ensino (CÁRDENAS-GUTIÉRREZ et al., 2021; MALDONADO BRIEGAS et al., 2021). A importância de realizar um trabalho de desenvolvimento de competências empreendedoras no ambiente escolar se dá na formação de um indivíduo mais consciente e ativo na sociedade, com maior desenvoltura e empregabilidade, mas que também pode optar pelo autoemprego, gerando impacto positivo no desenvolvimento pessoal e profissional, além da geração de valor para toda a sociedade (BACIGALUPO et al, 2016).

O “aprender fazendo” (que já é uma CE dentro do EntreComp) (BACIGALUPO et al., 2016), é um traço fundamental da pedagogia empreendedora, o que leva a uma forte conexão com as metodologias ativas de aprendizagem, pois elas são as mais eficientes para o desenvolvimento de CE nos estudantes. Ao se trabalhar com metodologias ativas o estudante está em ação criando o aprendizado, conseguindo dar significado e contexto ao que aprende, acelerando e fixando o conhecimento adquirido (MALDONADO BRIEGAS et al, 2021; CHAKER & JARRAYA, 2021). Deve-se enfatizar, no entanto, a suma importância do ambiente em que esta aprendizagem acontece para o desenvolvimento de CE.

As crenças dos indivíduos são moldadas de acordo com seu contexto social (DOLABELA, 2003; FREIRE, 2013; SOMIÀ. et al, 2024), e a influência deste contexto também influencia aspectos-chave do processo empreendedor do indivíduo e no desenvolvimento de competências (FERNÁNDEZ-PÉREZ et al, 2019; FERRERAS-GARCIA et al, 2021). Um ambiente diversificado de aprendizagem favorece o desenvolvimento de competências empreendedoras. Freire (2013) já dizia que o aprendizado acontece em conjunto sob a mediação do mundo em que este aluno está inserido e do ambiente da escola proporciona

a ele, sendo esta influência externa à sala de aula e ao indivíduo muito importante (CHEN et al., 2022). Lackéus (2014) conversa diretamente com essa ideia ao afirmar que o contato com o mundo exterior, bem como a incerteza e a ambiguidade, facilita a aprendizagem de competências empreendedoras. Sendo assim, para que este ambiente diversificado e, ao mesmo tempo, imersivo aconteça na escola, se faz necessário que a escola esteja em sintonia. A interdisciplinaridade se alia à EE, sobretudo quando esta trabalha no viés “através do empreendedorismo”, criando um ambiente propício ao desenvolvimento de CE, seja em atividades curriculares ou extracurriculares (ISAC et al., 2023; YOUNG, 2022).

Desta forma pode-se perceber o quanto a formação de um clima escolar favorável ao desenvolvimento de CE é fundamental. Sendo o clima escolar a forma como as expectativas e as percepções em relação à instituição escolar são percebidas (SILVA et al., 2021), é por ele que os estudantes sentirão e viverão o ambiente empreendedor e pelo qual viverão processos emocionais, tais como trabalho em equipe, conexão com a realidade dentro e fora da escola, incertezas e ambiguidades, cruciais para o desenvolvimento de competências empreendedoras (LACKÉUS, 2014).

A forma como as CE e da BNCC se relacionam com a interdisciplinaridade se encontra na tabela 3.

Tabela 3: Quadro Resumo: Pontos de Ligação entre CE e BNCC para a Interdisciplinaridade.

<b>Competência Empreendedora (EntreComp)</b>	<b>Competência da BNCC</b>	<b>Disciplinas Correlacionadas</b>	<b>Mecanismos Interdisciplinares Sugeridos</b>
Criatividade, Identificação de Oportunidades	Competência 2 – Pensamento científico, crítico e criativo	Ciências, Matemática, Artes, Projeto de Pesquisa	Projetos de resolução de problemas reais; criação de protótipos; oficinas de invenções.
Visão, Planejamento e Monitoramento	Competência 6 – Projeto de Vida	Geografia, Sociologia, História, Matemática	Planejamento de trajetórias pessoais e profissionais; uso de mapas mentais e cronogramas.
Trabalho em Equipe, Mobilizar Pessoas	Competência 9 – Empatia e Cooperação	Educação Física, História	Trabalhos em grupo interdisciplinares; atividades colaborativas em eventos escolares.
Lidar com Incerteza e Ambiguidade	Competência 10 – Responsabilidade e Cidadania	Filosofia, Ciências, Sociologia	Debates sobre dilemas morais; simulações de tomada de decisão com múltiplas variáveis.
Autoconsciência e Autoeficácia	Competência 8 – Autoconhecimento e Autocuidado	Língua Portuguesa, Artes	Diários reflexivos; produção de autobiografias; rodas de conversa sobre identidade.
Mobilizar Recursos	Competência 5 – Cultura Digital	Linguagens Aplicadas às Tecnologias, Projeto de Pesquisa, Matemática	Criação de apresentações digitais, pitch de ideias; uso de softwares de gestão.

Valorizar Ideias e Pensamento Ético	Competência 7 – Argumentação	Língua Portuguesa, Linguagens Aplicadas às Tecnologias, Filosofia	Produção de textos argumentativos; júris simulados; análise de casos éticos.
Aprender com a Experiência	Competência 1 – Conhecimento	Todas as disciplinas	Metodologias ativas: aprendizagem baseada em projetos, experiências práticas.

Fonte: Elaborado pela autora.

A tabela 3 apresenta os pontos de ligação entre as competências empreendedoras, conforme o modelo EntreComp, e as competências gerais da BNCC, indicando como essa conexão pode ser explorada de forma interdisciplinar no ambiente escolar (ISAC et al., 2023; YOUNG, 2022). A partir dessas proximidades entre os modelos EntreComp e BNCC, são sugeridos mecanismos interdisciplinares que possibilitam o desenvolvimento integrado dessas competências em diferentes componentes curriculares, como projetos interdisciplinares, metodologias ativas, trabalhos colaborativos e atividades contextualizadas (STEVENSON & NUOTILA, 2016; ISAC et al., 2023; AVILA & SUQUILLO, 2021). O objetivo é oferecer um referencial prático que oriente a análise de campo, permitindo identificar situações em que o ensino do empreendedorismo se articula com outras áreas do conhecimento, promovendo aprendizagens significativas e alinhadas à formação integral dos estudantes.

### 2.3 Pedagogia empreendedora

Uma pedagogia de ensino é uma ferramenta que serve como base metodológica para que os professores guiem suas práticas em sala de aula (JONES, 2024; OKOLIE et al., 2021). A esta base, replicável e adaptável, é trazida a Educação para o Empreendedorismo. Por muito tempo, o empreendedorismo foi tratado como assunto a ser aprendido, em uma abordagem denominada “educação sobre o empreendedorismo”, e não como forma de se ensinar, que é considerada a abordagem “através do empreendedorismo”. Esta abordagem do “através” é a que embasa a existência de uma pedagogia empreendedora (RAMSGAARD, 2024).

Moberg (2014) define a “educação através do empreendedorismo” como sendo uma orientação mais pedagógica, focada no desenvolvimento de competências empreendedoras não-cognitivas (como criatividade, proatividade, senso de iniciativa, lidar com ambiguidade e incerteza, e estabelecer e gerenciar relacionamentos), como um método que pode ser incorporado a todas as disciplinas escolares como tema transversal e pela interdisciplinaridade, já que seu foco é o desenvolvimento pessoal. A transversalidade funciona como a metodologia facilitadora para a efetivação da educação empreendedora, pois correlaciona o empreendedorismo com outras áreas do conhecimento e promove, junto da interdisciplinaridade, a formação integral do estudante. A transversalidade e a interdisciplinaridade são a base da pedagogia empreendedora (MEDEIROS et al., 2023).

Ao definir o que seria uma pedagogia empreendedora (PE), Ramsgaard (2024) propõe a EE como uma forma de ensino-aprendizagem que precisa ser baseada no contexto do educando para que seja significativa e exista um real aprendizado. Ao refletir sobre esta questão, é preciso levar em conta também o aspecto emocional da aprendizagem, que muitas vezes é

deixado de lado (LACKÉUS, 2014). Lackéus (2014; 2017) sugere que uma PE leve em consideração o indivíduo como um ser inteiro (pensamento, ação e emoção), e que seja conectada com a realidade do educando. Uma proposta de EE baseada em um modelo genérico é algo incompatível com essa premissa. É preciso que seja contextualizado e a tarefa de propor esta contextualização é do professor (LACKÉUS, 2017; RAMSGAARD, 2024).

Entender a figura do professor enquanto facilitador da aprendizagem nos leva a compreender que sucesso da PE não está apenas em que conteúdo é dado, mas também em como ele é trabalhado (RAMSGAARD, 2024). Paulo Freire (2009; 2019) afirma em seus trabalhos que educação não acontece de forma isolada da sociedade e a escolha da linha pedagógica reflete também uma escolha de como queremos que o cidadão que está em formação na escola chegue na sociedade. E em uma linha de raciocínio similar a freiriana, Lackéus (2017) chama atenção para a necessidade de usar a educação voltada a formar empreendedores de forma significativa e criativa, pensada em criar valor para a sociedade pensando no bem comum e na necessidade dos outros, ao invés de pensar apenas no próprio bem, afinal, o empreendedorismo é em essência intencionalmente voltado a gerar melhoria na qualidade de vida e na vida de uma coletividade, não focando somente em valores unicamente individuais e econômicos (DOLABELA, 2003). Apesar disso, essa EE defendida por Lackéus (2017) não se opõe à formação do empreendedor como figura de negócios, a aquisição de recursos nem ao lucro, apenas não os tem como único objetivo, já que focar em questões econômicas como dinheiro e lucro pode levar o estudante a relacionar o empreendedorismo a apenas isso (ENGESTRÖM & KÄYHKÖ, 2021). Na educação pública, onde existem estudantes vindos de comunidades carentes e que muitas vezes precisam da ajuda estatal para se alimentar ou ter moradia, trabalhar uma pedagogia empreendedora que foca mais em ajudar aos outros do que fazer dinheiro, que pense nas necessidades da comunidade, atrai o interesse de mais alunos e professores para a EE (LACKÉUS, 2017).

A figura 2 apresenta um organograma conceitual com os principais elementos que compõem a PE, organizados de maneira hierárquica e relacional.



elementos, visa formar sujeitos mais críticos, autônomos e preparados para enfrentar os desafios contemporâneos com criatividade e responsabilidade.

### 3. Método de pesquisa

A pesquisa consistiu na pesquisa bibliográfica sistemática em bases de dados acadêmicas. Uma revisão de literatura sistemática e qualitativa possui um processo rigoroso para a pesquisa bibliográfica, e é seguida por uma abordagem qualitativa para avaliá-los (SNYDER, 2019). A principal base de dados internacional utilizada foi a Web of Science (WoS), uma base reconhecida como uma das principais em termos de volume e qualidade de conteúdo (ABRIZAH et al., 2013). Como não foram encontradas referências nacionais em quantidade significativa no WoS. O recorte temporal utilizado na pesquisa foi de publicações entre 2014 e 2024, o filtro de artigos utilizado foi o de “*review article*” e as principais categorias definidas foram *Education Educational Research, Management, Business, Social Sciences Interdisciplinary* e *Humanities Multidisciplinary*. A pesquisa considerou apenas periódicos de classificação entre Q1 e Q3.

O primeiro tema pesquisado no WoS foi “*Entrepreneurship Education*” (Educação para o Empreendedorismo) e as palavras-chave utilizadas foram *entrepreneurship AND education*. Nesta pesquisa foram encontrados 789 artigos. A filtragem inicial se deu pela leitura dos títulos e dos resumos, e os que não correspondiam ao escopo da pesquisa eram descartados. Após esta primeira filtragem, foram selecionados apenas os artigos cuja classificação do periódico estava de acordo com a definição de relevância desta pesquisa, resultando na seleção de 42 artigos.

A pesquisa Educação para o Empreendedorismo no Ensino Médio, necessitou de várias tentativas de combinações de palavras-chave: “*entrepreneurship education*” AND “*secondary education*” (1 resultado), “*entrepreneurship education*” (Title) AND *secondary education* (Topic) (55 resultados), *secondary education* (Title) AND *Entrepreneurship Education* (Search within topic) (14 resultados), até se chegar a “*entrepreneurship education*” (Title) AND *school* (Topic) com 256 resultados, que quando foram refinados com os parâmetros de pesquisa, chegaram a 49 resultados. A filtragem foi feita pela leitura dos títulos e dos resumos e, dos 49 artigos, 17 foram selecionados.

Na temática da pedagogia empreendedora as palavras-chave escolhidas foram *entrepreneur\* AND pedagogy* (Title). Foram tentadas várias combinações de palavras-chave até chegar nas que foram utilizadas. Devido à pequena quantidade de artigos encontrados, não foram feitas filtrações adicionais além da delimitação temporal e do tipo de documento. Foram encontrados 40 artigos, dos quais 15 foram selecionados.

Para a pesquisa sobre competências empreendedoras foi utilizada a palavra-chave *entrepreneurial competencies*. A seleção dos artigos foi feita pela leitura do título e do resumo, e também pela qualificação dos periódicos. Foram encontrados 159 resultados que, após a filtragem, resultaram em 20 artigos selecionados.

Concluindo-se a pesquisa no *Web of Science*, se percebeu a necessidade de trazer a perspectiva nacional para a pesquisa, afinal ela busca tratar da Educação para o Empreendedorismo no Brasil. A primeira base de dados foi o Google Acadêmico, e as palavras-chaves utilizadas foram “*educação empreendedora ensino médio*” para direcionar a temáticas de interesse desta pesquisa, uma vez que o termo “*Educação para o Empreendedorismo*” ainda

não é tão comum nas pesquisas brasileiras. A pesquisa obteve 398 resultados, tendo sido filtrada por artigos de revisão e trabalhos feitos nos últimos 10 anos. Foram selecionados 20 artigos.

Uma segunda pesquisa com foco em produções acadêmicas nacionais foi realizada na base Periódicos CAPES, e os termos utilizados Para a pesquisa foram “educação para o empreendedorismo” OU “educação empreendedora” E ensino médio. Nesta pesquisa, o recorte temporal foi de 2016 a 2024, uma vez que a base não encontrou produções acadêmicas sobre o tema nos anos de 2014 e 2015. Foram selecionadas publicações com acesso aberto e revisadas por pares, e foram obtidos 34 resultados, dois quais 6 foram selecionados. Quatro dos artigos encontrados nessa pesquisa coincidiram com artigos encontrados no Google Acadêmico, e por esse motivo não foram contabilizados.

A Figura 3 mostra de maneira resumida como se deu a pesquisa em cada uma das etapas da metodologia. Pode-se observar as três principais fases da pesquisa bibliográfica.

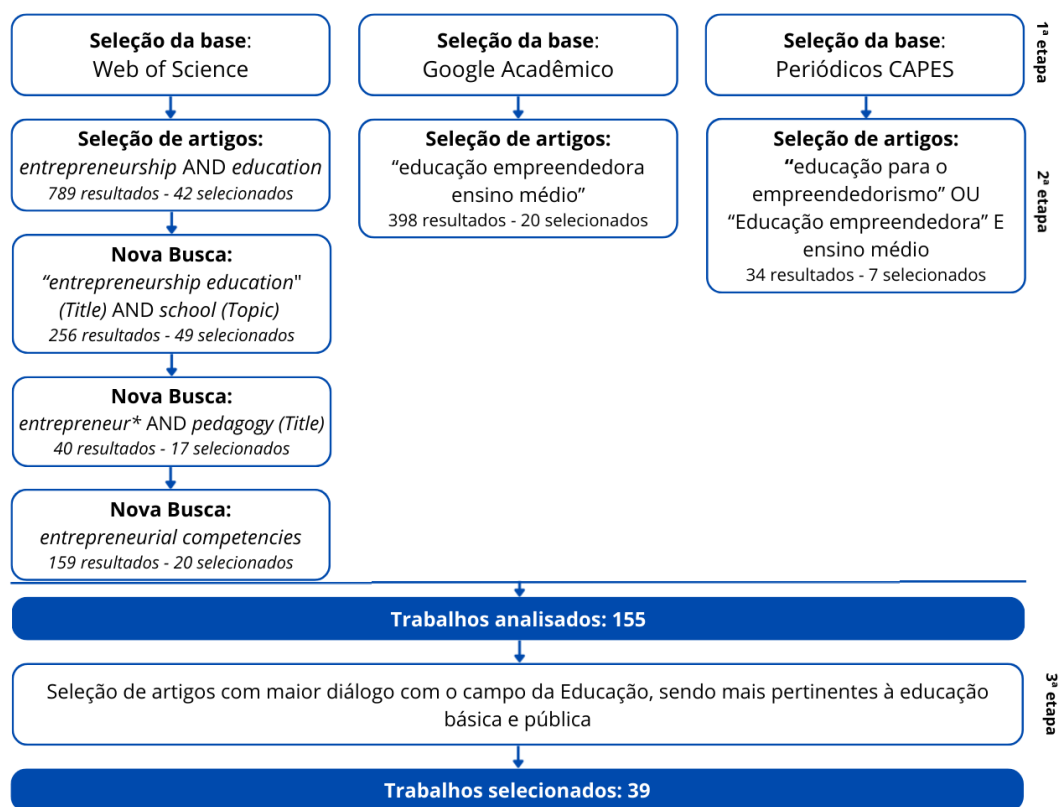


Figura 3: Sintetização da pesquisa.  
Fonte: Elaborada pela autora.

#### 4. Resultados e Discussão

Os trinta e nove artigos selecionados para este trabalho foram os considerados mais relevantes para esta pesquisa. Chegou-se a esse número de artigos após a análise de cada um, selecionando-se artigos que dialogavam com os temas pertinentes a pesquisa com a educação (em especial, mas não somente, a educação básica) e também artigos que partiam de realidades

similares a do sistema público de educação. Apesar desta ser uma pesquisa dentro do campo da Administração, ela também é uma pesquisa do campo da Educação, uma vez que trata da educação pública no ciclo básico de ensino.

Ao analisá-los pelo ano de publicação percebe-se uma maior concentração de publicações no ano de 2021 (10 artigos), seguido por um pico em 2023 (7 artigos). Além desses dados, a figura 4 mostra quatro artigos anteriores ao período delimitado para a pesquisa. Estes artigos tratam de leituras seminais, amplamente citadas por publicações mais recentes, e a sua inserção neste trabalho foi considerada fundamental.

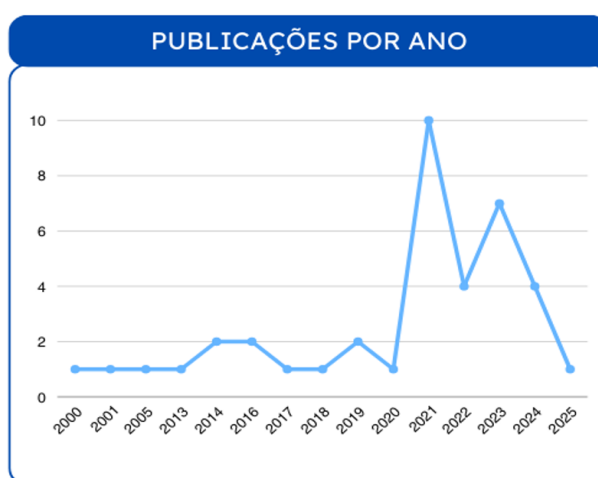
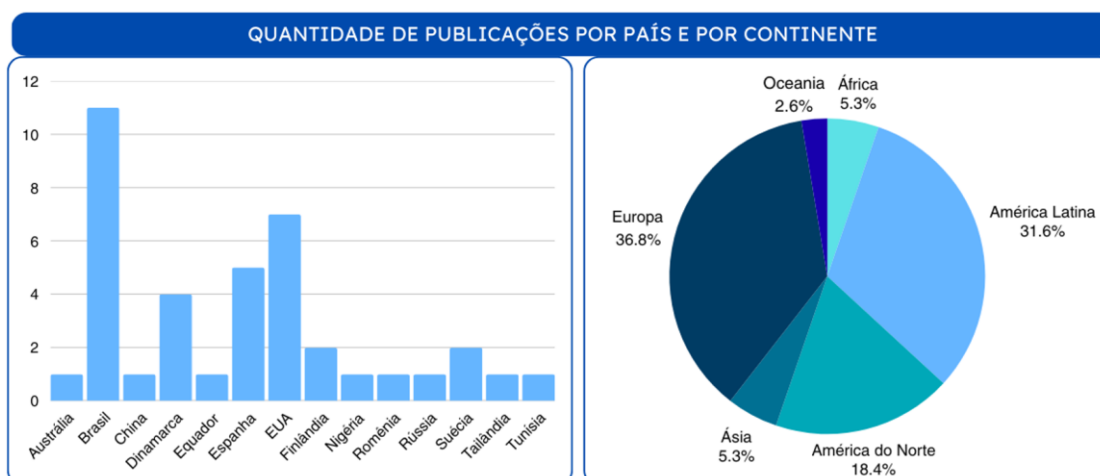


Figura 4: Publicações por ano.  
 Fonte: Elaborada pela autora.

A origem dos artigos presentes na pesquisa também foi considerada. O país se mais se destaca é o Brasil, com 11 publicações, seguido por Estados Unidos (7 publicações), Espanha (5 publicações) e Dinamarca (4 publicações). Porém, quando às publicações por continente se percebe que 36.8% das publicações vem da Europa, 31.6% da América Latina e 18.4% da América do Norte, como demonstrado na figura 5.



Figuras 5: País e continente de Origem das publicações.  
 Fonte: Elaborado pela autora.

Dentre os principais autores nacionais destacam-se Mariano, Moraes e Cunha, com três publicações em coautoria voltadas a compreender a educação para o empreendedorismo no cenário brasileiro, inclusive trazendo Paulo Freire à discussão tratando de como os princípios freirianos se correlacionam a temática do empreendedorismo na educação. Também encontramos Uemura com dois artigos tratando da educação para o empreendedorismo no ensino básico.

Já no cenário internacional destacam-se Ramsgaard e Lakéus, cada um com três publicações selecionadas para este trabalho, e Moberg e Sarasvathy com duas publicações cada. Algumas das publicações internacionais foram realizadas em coautoria, porém, pelos demais autores não se repetirem em outras publicações não foram inseridos na figura 7.

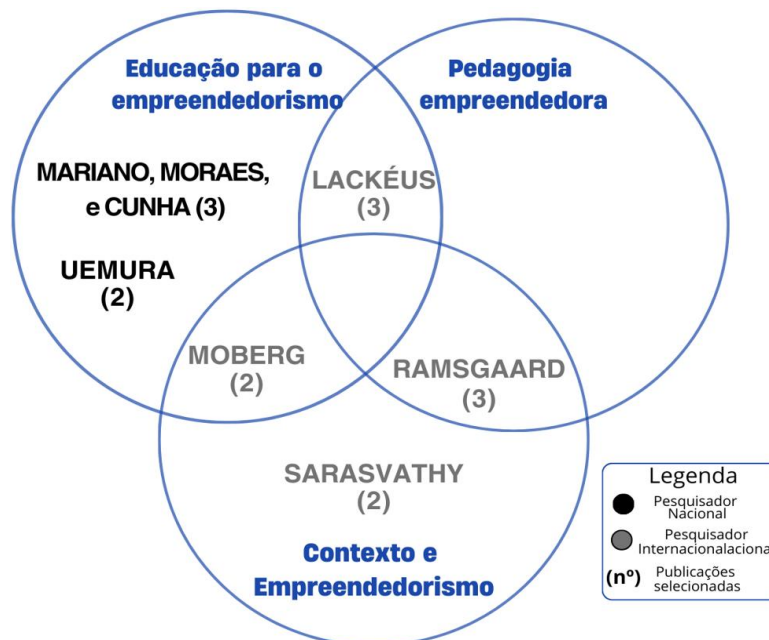


Figura 7: Principais Autores.  
Fonte: Elaborada pela autora.

A pesquisa permitiu identificar diferentes perspectivas sobre a EE no Ensino Médio, revelando avanços conceituais e pedagógicos, mas também contradições e desafios persistentes. Um dos principais resultados foi a constatação de que a EE deixou de ser compreendida apenas como treinamento para abertura de empresas, assumindo gradualmente um caráter mais amplo, voltado ao desenvolvimento de competências empreendedoras aplicáveis a diversas dimensões da vida (LACKÉUS, 2017; DOLABELA & FILION, 2013; UEMURA et al., 2023). Essa mudança é particularmente significativa quando observada em sua articulação com a BNCC, que incorpora competências empreendedoras distribuídas em diferentes áreas do conhecimento, sobretudo nas competências 2, 6, 8 e 9 (CAVALHEIRO & MARIANO, 2022). Tal conexão reforça a natureza interdisciplinar e transversal do empreendedorismo como prática educativa.

No entanto, a análise evidenciou tensões conceituais importantes. De um lado, encontram-se as críticas de autores que veem a EE como instrumento de reprodução de

ideologias neoliberais, associada à individualização da responsabilidade pelo sucesso e à precarização do trabalho (BARBOSA & MADEIRA, 2023; MAGALHÃES & LAMOSA, 2023). De outro, há correntes que defendem sua ressignificação em bases coletivas, críticas e contextualizadas, sustentando seu potencial de promover transformação social, engajamento comunitário e emancipação dos sujeitos (LACKÉUS, 2017; RAMSGAARD, 2024). A discussão, portanto, revela que os efeitos da EE dependem fortemente da abordagem pedagógica adotada e do contexto escolar em que é implementada.

Outro resultado central refere-se ao papel das competências empreendedoras. O quadro EntreComp (BACIGALUPO et al., 2016) foi identificado como referência internacional para estruturar o desenvolvimento dessas competências, integrando-as em três macrogrupos — Ideias e Oportunidades, Recursos e Ação. Ao se relacionar com a BNCC, observa-se uma sobreposição significativa entre CE e competências gerais da Educação Básica, o que permite construir mecanismos interdisciplinares de ensino, como projetos de resolução de problemas reais, atividades colaborativas, júris simulados e uso de metodologias ativas. Essa articulação reforça o potencial da EE de promover aprendizagens significativas, conectadas à realidade dos estudantes.

A análise dos estudos também apontou para a relevância da PE na educação básica, entendida como a prática de ensinar “através do empreendedorismo” e não apenas “sobre empreendedorismo” (MOBERG, 2014; RAMSGAARD, 2024). Essa abordagem valoriza metodologias ativas e aprendizagem experiencial, colocando o estudante como protagonista e o professor como facilitador. Além de estimular autonomia e criatividade, esse modelo enfatiza dimensões emocionais da aprendizagem, como cooperação, empatia e resiliência (LACKÉUS, 2014; SAN-MARTIN et al., 2022). Nesse sentido, a EE se alinha a concepções freirianas de educação crítica e contextualizada, que promovem diálogo, reflexão e engajamento com a comunidade (SIQUEIRA et al., 2024).

Por fim, a literatura analisada evidencia que a implementação da EE no Ensino Médio enfrenta desafios estruturais significativos. Entre eles destacam-se: a ausência de diretrizes nacionais consolidadas, o que gera heterogeneidade curricular entre estados e redes (MENEZES et al., 2024); a resistência de parte do corpo docente; e a carência de formação específica de professores na área (SILVA & SILVA, 2024; UEMURA et al., 2023). Esses fatores dificultam a consolidação de um clima escolar empreendedor, entendido como ambiente favorável ao desenvolvimento de competências, à experimentação e ao protagonismo estudantil (SILVA et al., 2021; LACKÉUS, 2014).

Em síntese, os resultados indicam que a EE no Ensino Médio se apresenta como campo em expansão e em disputa. Mostra também que há um campo fértil para o desenvolvimento de pesquisas na área de PE. Sua efetividade depende de escolhas pedagógicas e políticas: pode reforçar a lógica do mercado e da responsabilização individual ou, em uma perspectiva crítica e interdisciplinar, pode constituir-se em ferramenta para o desenvolvimento integral, emancipação social e transformação da realidade dos estudantes e comunidades.

## 6. Conclusões

A EE no Ensino Médio constitui um campo em expansão, caracterizado por avanços conceituais, diversidade de práticas pedagógicas e, ao mesmo tempo, por desafios estruturais e

ideológicos. Constatou-se que a EE tem se deslocado de uma perspectiva restrita à criação de negócios para uma abordagem mais ampla, voltada ao desenvolvimento de competências empreendedoras que podem ser aplicadas em diferentes dimensões da vida pessoal, acadêmica e social.

Esse movimento evidencia o potencial da EE de articular-se à BNCC por meio da interdisciplinaridade e do desenvolvimento de competências gerais, aproximando-se de modelos de referência como o EntreComp. A viabilização de uma pedagogia empreendedora, voltada ao ensino na educação básica, pensada no modelo “através do empreendedorismo” e baseada em metodologias ativas, aprendizagem experiencial e protagonismo estudantil, reforça a possibilidade de uma prática transformadora, alinhada a concepções críticas de educação, ao engajamento comunitário e aos princípios do patrono da educação nacional, Paulo Freire.

Por outro lado, os resultados também revelam tensões e contradições: a EE pode ser apropriada por discursos neoliberais que reforçam a responsabilização individual e a precarização do trabalho, ou pode ser ressignificada como ferramenta de emancipação, autonomia e transformação social. Além disso, sua implementação enfrenta barreiras significativas, como ausência de diretrizes nacionais claras, resistências docentes e carência de formação específica.

Considerando o exposto, entende-se que a Educação para o Empreendedorismo no Ensino Médio deve ser ressignificada em bases críticas e interdisciplinares, para que não se restrinja a uma preparação para o mercado de trabalho. Seu papel pode e deve ser mais amplo: formar sujeitos criativos, autônomos, colaborativos e socialmente comprometidos. O impacto da EE, portanto, dependerá das escolhas pedagógicas e políticas que orientarem sua consolidação, sendo fundamental que ela contribua para a formação integral dos estudantes e para a construção de uma escola mais democrática, conectada com os desafios contemporâneos e capaz de promover transformação social.

## Referências

ABRIZAH, A.; ZAINAB, A.N.; KIRAN, K.; RAJ, R.G. LIS journals scientific impact and subject categorization: A comparison between Web of Science and Scopus. *Scientometrics*, v.94, p.721-740, 2013. DOI: 10.1007/s11192-012-0813-7.

AVILA, H.S.C.; SUQUILLO, J.V.C.; Propuesta pedagógica de proyectos interdisciplinarios para incrementar el desarrollo cognitivo. *MENDIVE* Vol.19 No.4 (octubre-diciembre), P.p. 1203- 1215, 2021.

BACIGALUPO, Margherita; KAMPYLIS, Panagiotis; PUNIE, Yves; VAN DEN BRANDE, Godelieve. *EntreComp: The Entrepreneurship Competence Framework*. Luxembourg: Publication Office of the European Union, 2016. EUR 27939 EN. doi:10.2791/593884.

BARBOSA, Carlos Soares; MADEIRA, Filipe Cavalcanti. Privatização do currículo e fomento ao empreendedorismo juvenil: uma análise do ensino médio de tempo integral na rede estadual do Rio de Janeiro. *Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp.*, Salvador, v.32, n.70, p.175-196, abr./jun. 2023. DOI: <https://dx.doi.org/10.21879/faeaba2358-0194.2023.v32.n70.p175-196>

BRASIL. Lei nº9394 de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1996. Disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm) acesso 25/09/2024.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017.

CAVALHEIRO, Gabriel Marcuzzo; MARIANO, Sandra R. H. Fundamentos de empreendedorismo. Niterói: Departamento de Empreendedorismo e Gestão/Universidade Federal Fluminense, 2022.

CÁRDENAS-GUTIÉRREZ, Antonio Ramón; BERNAL-GUERRERO, Antonio; MONTORO-FERNÁNDEZ, Elisabet. Construction and validation of the Basic Scale of Entrepreneurial Competencies for the Secondary Education level. A study conducted in Spain. PLOS ONE, v.16, n.4, 2021. doi:10.1371/journal.pone.0249903.

CHAKER, Hajer; JARRAYA, Houyem. Combining teaching “about” and “through” entrepreneurship: A practice to develop students’ entrepreneurial competencies. Industry and Higher Education, v.35, n.4, p.432-442, 2021. DOI: 10.1177/0950422221991005.

CHEN, H.; TANG, Y.; HAN, J. Building Students’ Entrepreneurial Competencies in Chinese Universities: Diverse Learning Environment, Knowledge Transfer, and Entrepreneurship Education. Sustainability, [online] Basel, v.14, n.15, 9105, 2022. Disponível: <https://doi.org/10.3390/su14159105>.

DOLABELA, F. Pedagogia Empreendedora. São Paulo: Editora de Cultura, 2003.

DOLABELA, F.; FILION, L.J. Fazendo revolução no Brasil: a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, v.3, n.2, p.134-181, 2013.

ENGSTRÖM, Ritva; KÄYHKÖ, Leena. A critical search for the learning object across school and out-of-school contexts: A case of entrepreneurship education. *Journal of the Learning Sciences*, v.30, n.3, p.401-432, 2021. DOI: 10.1080/10508406.2021.1908296

FERNÁNDEZ-PÉREZ, Virginia; MONTES-MERINO, Ana; RODRÍGUEZ-ARIZA, Lázaro; GALICIA, Patricia Esther Alonso. Emotional competencies and cognitive antecedents in shaping student’s entrepreneurial intention: the moderating role of entrepreneurship education. *Int Entrep Manag J*, v.15, p.281-305, 2019. doi:10.1007/s11365-017-0438-7.

FERRERAS-GARCIA, Raquel; SALES-ZAGUIRRE, Jordi; SERRADELL-LÓPEZ, Enric. Developing entrepreneurial competencies in higher education: a structural model approach. *Education+Training*, v.63, n.5, p.720-743, 2021. doi:10.1108/ET-09-2020-0257

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

ISAC, C.; IORDACHE, A.M.M.; BALTADOR, L.; COCULESCU, C.; NIȚĂ, D. Enhancing Students' Entrepreneurial Competencies through Extracurricular Activities—A Pragmatic Approach to Sustainability-Oriented Higher Education. *Sustainability*, Basel, v.15, n.11, art.8708, 2023. <https://doi.org/10.3390/su15118708>

JONES, C. A signature pedagogy for entrepreneurship education. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, Vol.26 No.2, pp.243-254, 2019. DOI 10.1108/JSBED-03-2018-0080

KURATKO, D.F. The Emergence of Entrepreneurship Education: development, trends, and challenges. *Entrepreneurship Theory And Practice*, v.29, n.5, p.577-597, 2005. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2005.00099.x>.

LACKÉUS, Martin. An emotion based approach to assessing entrepreneurial education. *The International Journal of Management Education*, v.12, p.374-396, 2014. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ijme.2014.06.005>.

LACKÉUS, Martin. Does entrepreneurial education trigger more or less neoliberalism in education. *Education+Training*, v.59, n.6, p.635-650, 2017

LIGUORI, E.; CORBIN, R.; LACKEUS, M.; SOLOMON, S.J. Under-researched domains in entrepreneurship and enterprise education: primary school, community colleges and vocational education and training programs. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, v.26, n.2, p.182-189, 2019.

LOPES, Rose Mary A. (org.). *Educação Empreendedora: Conceitos, Modelos e Práticas*. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: SEBRAE, 2010.

MAGALHÃES, Ramon Mendes da Costa; LAMOSA, Rodrigo de Azevedo Cruz. Empreendedorismo nas políticas educacionais e nas escolas. *Revista de Interações Sociais – REIS*, Rio Grande, v.7, n.1, p.10-27, jan.-jun. 2023

MALDONADO BRIEGAS, J.J.; CITARELLA, A.; SÁNCHEZ IGLESIAS, A.I.; GONZÁLES BALLESTER, S.; ALVAREZ MARÍNEZ, A. J. VICENTE CASTRO, F. Exploring Teachers' Satisfaction and Students' Entrepreneurial Competencies in Four Entrepreneurial Programs Carried Out in Extremadura (Spain) Schools. *Frontiers in Psychology*, v.11, art.484103, 2021. DOI: 10.3389/fpsyg.2020.484103.

MARIANO, Sandra R. H. & MAYER, Verônica Feder. Aula 3 - Empreendedorismo: conceitos e princípios. In: \_\_\_\_\_. *Criatividade e Atitude Empreendedora*. Disponível

<<http://www.scribd.com/doc/13389657/Cap03-Empreendedorismo-conceitos-e-principios>>  
Acesso 22/06/2025.

MEDEIROS, Maria da Conceição; VIEIRA, Almir Martins; CLARO, José Alberto Carvalho dos Santos. O papel mediador da transversalidade para a educação empreendedora. *Organizações em contexto*, São Bernardo do Campo, Vol. 20, n.39, jan.-jun. 2024.

MENEZES, R.P.; MARIANO, S.R.H.; CUNHA, R.M. A Educação para o Empreendedorismo no Novo Ensino Médio: Uma Análise dos Documentos Orientadores Curriculares Estaduais. *RPCA*, Rio de Janeiro, v. 18, p. 26-47, Edição Especial, 2024. DOI: <https://doi.org/10.12712/rpca.v18iEspecial.58848>

MOBERG, Kåre. Assessing the Impact of Entrepreneurship Education: From ABC to PhD. 2014. 215 p. Tese (Doutorado em Economia e Gestão) – The PhD School of Economics and Management, Copenhagen Business School, Copenhagen, 2014.

MORAES, Joysi; MODESTO, Elisangela; MARIANO, Sandra R. H.; CUNHA, Robson Moreira. Entrepreneurship Education in Socioeconomically Disadvantaged Contexts in Brazil. *Journal of Education and Learning*, v.12, p.85-101, 2023.

PERONI, V. M.V; CAETANO, M.R; VALIM, P.L. Neoliberalismo e Neoconservadorismo nas políticas educacionais para a formação da juventude brasileira. *Jornal de Políticas Educacionais*. V. 15, n. 36. Agosto de 2021.

OKOLIE, Ugochukwu Chinonso; IGWE, Paul Agu; AYOOLA, Amos Aderemi; NWOSU, Hyginus Emeka; KANU, Clementina; MONG, Ifeanyi Kalu. Entrepreneurial competencies of undergraduate students: The case of universities in Nigeria. *The International Journal of Management Education*, v.19, 100452, 2021. doi:10.1016/j.ijme.2021.100452.

RAMSGAARD, Michael Breum; BLENKER, P. Reinterpreting a signature pedagogy for entrepreneurship education. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, v.29(2), p.182–202, 2022.

RAMSGAARD, M. B., THOMASSEN, M. L., WILLIAMS-MIDDLETON, K., NEERGAARD, H. Mapping and navigating context for opportunity development: The Context Hive—a research-based framework. *Industry and Higher Education*, v.35(4), p.325–335, 2021. <https://doi.org/10.1177/09504222211021311>

RATKOVIĆ, Tamara; ŠLOGAR, Helena; ŠOKČEVIĆ, Sandra. Entrepreneurial competencies of university students. *Economics and Sociology*, v.15, n.4, p.129-145, 2022. DOI: 10.14254/2071-789X.2022/15-4/6.

RODJANATHAM, Tippawong; BADIR, Yuosre F. Motivation matters: The role of achievement, affiliation, and power needs in digital peer collaboration among business school

students. **Computers in Human Behavior Reports**, v. 19, Artigo 100746, jul. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.chbr.2025.100746>.

SAN-MARTÍN, Paula; PÉREZ, Andrea; FERNÁNDEZ-LAVIADA, Ana; PALAZUELOS, Estefanía. The effect of role model teachers on students' entrepreneurial competencies and intentions. *Education+Training*, [S.l.], v.64, n.7, p.962-980, 2022. DOI: 10.1108/ET-03-2021-0118

SARASVATHY, Saras D. Causation and effectuation: Toward a theoretical shift from economic inevitability to entrepreneurial contingency. *Academy of Management Review*, v.26, n.2, p.243–263, 2001.

SARASVATHY, Saras; BOTHA, Helet. Bringing People to the Table in New Ventures: An Effectual Approach. *Negotiation Journal*, v.38, n.4, p.491-524, 2022. DOI: 10.1111/nejo.12385.

SARASVATHY, Saras. *Effectuation: rethinking fundamental concepts in the social sciences*. Cambridge: Cambridge University Press, 2024. DOI: 10.1017/9781009103985

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (Sebrae). *Nota Técnica 02: O modelo Emprecomp*. Brasília, DF: Sebrae, 2020.

SCHAEFER, R.; MINELLO, I.F. Educação Empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, v.10, n.3, p.60, 2016. DOI: <https://doi.org/10.12712/rpca.v10i3.816>.

SIQUEIRA, Ana Cristina O.; HONIG, Benson; MARIANO, Sandra; MORAES, Joysi; CUNHA, Robson Moreira. Creating economic, social, and environmental change through entrepreneurship: An entrepreneurial autonomy perspective informed by Paulo Freire. **Journal of Business Venturing Insights**, v.19, art.e00386, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jbvi.2023.e00386>.

SILVA, L.F. da; SILVA, K.N.P. Ensino Médio Integrado, arranjos produtivos locais e empreendedorismo. *Olhar de Professor*, [S.l.], v.27, p.1–19, 2024. DOI: 10.5212/OlharProfr.v.27.23214.054.

SNYDER, Hannah. Literature review as a research methodology: An overview and guidelines. *Journal of Business Research*, v.104, p.333-339, ago.2019. DOI: 10.1016/j.jbusres.2019.07.039.

SOMIÀ, Tatiana; PITTAWAY, Luke; BENEDICT, Paul. Rethinking entrepreneurial competencies: A gender-focused analysis of students' perceived competencies. v.22, 2024. Disponível: <https://doi.org/10.1016/j.ijme.2024.101038>.

STEVENSON, B.; NUOTTILA, E. Interdisciplinarity in Entrepreneurship Education: A Conceptual Framework Focusing on Pedagogy for Innovation. *In: 11th European Conference on Innovation and Entrepreneurship. Anais...* Jyväskylä: Academic Conferences and Publishing International Limited, p.781-786, 2016.

THOMASSEN, M.L.; MIDDLETON, K.W.; RAMASGAARD, M.B.; NEERGAARD, H.; WARREN, L. Conceptualizing context in entrepreneurship education: a literature review. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, Vol.26 No.5, pp.863-886, 2020.

UEMURA, Marise Regina Barbosa; LOPES, Rose Mary Almeida; VASCONCELLOS, Liliana. A educação empreendedora no ensino médio no Brasil: abordagem ontológica e educacional. *RPCA*, Rio de Janeiro, v.18, Edição Especial, p.1-25, 2024. DOI: <https://doi.org/10.12712/rpca.v18iEdicao-Especial.58351>

UEMURA, M.R.B.; VASCONCELLOS, L.; SILVA, L.H. Educação Empreendedora na Educação Básica: uma revisão sistemática da literatura. *Revista de Ciências da Administração*, v. 25, n. 65, p. 1-22, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2023.e86177>

SHANE, S., & VENKATARAMAN, S. The promise of entrepreneurship as a field of research. *Academy of Management Review*, n.º.25(1), p.217–226, 2000. <https://doi.org/10.5465/amr.2000.2791611>